

AS TRÊS IDADES E SEUS PROCESSOS: UMA ANÁLISE SOBRE A VISÃO HISTÓRICA EM GIAMBATTISTA VICO

THE THREE AGES AND THEIR PROCESSES: AN ANALYSIS OF THE HISTORICAL VISION IN GIAMBATTISTA VICO

*Eduardo Leite*¹

Resumo: Este artigo tem como finalidade a exposição dos artefatos com que o filósofo Giambattista Vico usou para a pesquisa histórica em que demarca a História extratemporal da mente humana em três idades: a idade dos deuses, idade dos heróis e a idade dos homens. O presente artigo tem o caráter descritivo do conceito abordado pelo autor para compreendermos a sua visão sobre a progressão das nações.

Palavras-chave: Visão histórica. Três idades. Progressão das nações.

Sintesi: Questo articolo ha come finalità l'esposizione dei artefatti cui il filosofo Giambattista Vico ha utilizzato per la ricerca storica che demarca la Storia estratemporale della mente umana in tre età: La età dei dèi, età delle eroe e la età del uomini. Il presente articolo ha il carattere descrittivo del concetto trattato per l'autore alla comprenderci la sua visione su la progressione delle nazioni.

Parole-chiave: Visione storica. Tre età. Progressione delle nazioni.

1. Introdução

Entre suas pesquisas e obras, o que mais se destaca em G. Vico é a abordagem e concepção da história, quando trata de modo gradual o movimento da história que abarca todos os âmbitos da vida humana. A história é de fundamental importância na “humanização do homem”. A visão cíclica da história identifica três idades que evidenciam o desenvolvimento das práticas humanas, esses momentos são comuns a todas as nações, do passado e do presente, essa uniformidade permite ao filósofo discorrer sobre os “*corsi*” e os “*ricorsi*” percorridos pelas nações, de modo que há uma constante recorrência de fatos nas questões vividas pelos homens ao longo das gerações. Cabe ressaltar que não apenas Vico trabalhou essa questão, mas também outros pensadores, como o historiador grego Políbio que no período imperial de Roma, se deteve na questão da volta da monarquia romana ao poder seguindo uma linha de raciocínio natural da passagem do império tirânico para a monarquia. Este raciocínio

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: eduardoneto886@gmail.com

assemelhasse com um ciclo, que muito tempo depois foi retomado e reelaborado por Vico na perspectiva do estudo científico da história.

2. Sobre a tábua cronológica

Ao iniciar sua pesquisa acerca do mundo civil das nações, Giambattista Vico projeta uma tábua cronológica para a construção de sua tese. Com isso, recorre aos egípcios, mas precisamente a sua cronologia pautada em três idades que decorrem de um mundo anterior, a saber, a idade dos deuses, idade dos heróis e idade dos homens.

Na interpretação do autor a tábua cronológica relata o mundo civil das nações antigas, e a partir do dilúvio universal perpassa de modo circular por cada nação, iniciando com os hebreus e passando aos citas, fenícios, gregos e romanos até a sua segunda guerra cartaginesa. Entretanto, o autor deixará de descrever a história do povo hebreu, para se dedicar apenas ao início da história dos povos gentis. O que fica claro neste enunciado: “para o pensador napolitano, a história sacra é distinta à profana, porque o povo hebreu se documenta na bíblia, e os das nações gentias se documenta nos poemas homéricos e na legislação das XII tábuas romanas” (BRAVO, 2003, p. 46, tradução nossa).

A partir dela surgiram homens ou fatos de abissal expressão, situados em tempos ou lugares com o aval de uma comunidade de doutos, esses homens ou fatos cuja possibilidade exponencial das ações podem ter existido no tempo certo, ou não terem ocorridos nos lugares certos. É o caso de Homero²; no qual Vico dedica o terceiro livro da *Scienza Nuova* para indagar acerca da existência do poeta. Seria Homero um homem poeta, ou um tempo em que um povo caracterizava-se como um povo poeta com a alcunha de “Homero”? Com essa indagação o autor perpassa sua tese acerca do poeta grego.

A questão sobre a tábua cronológica a que Vico recorre e bem como sua interpretação, se mostra contrária ao cânone histórico sobre os egípcios, hebraicos e gregos do historiador John Marsham³ que pretendia provar que os egípcios foram pioneiros na política e na religião, e que seus ornamentos civis e suas práticas religiosas foram transportados para outras nações, porém, foram recebidas com correções pelos

² Importantíssimo poeta épico grego no qual as obras *Íliada* e *Odisseia* são atribuídas como autoria do poeta.

³ (1602-1682) Historiador e membro do parlamento inglês. Ficou conhecido ao questionar a cronologia do Antigo Testamento.

hebreus. Segundo o teólogo inglês Spencer⁴, em sua dissertação *De Urim et Tummim*, onde propõe que os israelitas teriam aprendido com os egípcios toda ciência e métodos divinos mediante a Kabbalah⁵. Dado a proposição de Marsham, o teólogo holandês Van heurn⁶ vai de acordo com a tese do inglês, e na obra *Antiguidade da Filosofia Barbara*, no capítulo chamado *Caldaicus*, disserta sobre Moisés, que ensinado na ciência divina egípcia, incorporou-as em suas leis e as levou para os hebreus. De encontro com Hermann Wits⁷ que na obra *Aegyptiaca sive de aegyptiacorum sacrorum cum hebraicis collatione*, considerava que o primeiro autor gentil que levou a Europa as primeiras impressões sobre o Egito foi Dion Cássio⁸, nascido nos tempos do filósofo Marco Aurélio. Tal coisa pode ser contrariada na obra de Tácito, em que narra Germânico, ao passar pelo Oriente em direção ao Egito para observar as famosas antiguidades de Tebas, e assim recebendo explicações dos sacerdotes sobre os hieróglifos fixados nos obeliscos, onde refletindo sobre isso, vê que os caracteres conservaram as memórias do grande império de Ramsés na África, Oriente e Ásia menor.

Entretanto, a ilimitada antiguidade expressa não possui certo valor em sabedoria obscura [nos hieróglifos] para com os egípcios do mediterrâneo. Nos tempos de Clemente de Alexandria⁹, assim narrado nas *Stromata*, os chamados livros sacerdotais que somam quarenta e dois, possuíam em Filosofia e Astronomia graves erros, os quais Querémom, mestre de São Dionísio, o Areopagita, foi colocado contrário a Estrabão¹⁰; no campo da medicina, Galeno¹¹ evidencia no livro de *medicina mercuriali* possuir absurdos e uma mescla de conhecimentos não propícios para a obra, como no caso da teologia, que estava infestada de magia, supertições e adivinhações. A grandeza de seus obeliscos e suas pirâmides poderia segundo Vico, serem filhos da *barbárie*: ‘o primeiro emprego desta palavra foi para identificar o estágio inaugural da vida humana no mundo, que correspondeu ao estabelecimento dos primeiros laços sociais’ (GUIDO,

⁴ (1630-1693) Teólogo e Hebraísta inglês que trabalhou a questão da cronologia hebraica em relação à cronologia de outras religiões antigas.

⁵ Na verdade os hebraicos fundamentaram a Kabbalah no período em que foram cativos na Babilônia do imperador Nabucodonosor.

⁶ (1577-1652) Medico e Filósofo holandês.

⁷ (1636-1708) Teólogo holandês partidário da Teologia da aliança ou Federalismo. Sua obra principal se chama *De oeconomia foederum Dei cum hominibus* (Sobre a economia dos convênios entre o homem e Deus).

⁸ (155 d.C.- 235 d.C) Historiador romano.

⁹ (150 d.C.- 215 d.C) Padre grego e pesquisador das doutrinas não cristãs.

¹⁰ (? - 23 d.C) Historiador, Geógrafo e Filósofo grego. Escreveu um compêndio de livros acerca dos povos conhecidos até o seu tempo.

¹¹ (130 d.C.-210 d.C) Medico e Filósofo romano de origem grega, foi considerado um dos maiores pesquisadores da medicina de seu tempo. Suas teses acerca da anatomia foram perpetuadas por quase um milênio.

2004, p. 73); pois esta se manifesta pela grandeza de seus símbolos, todavia para Vico, os métodos de confecção de escultura e os métodos de fundição denunciavam serem bastante grosseiros em relação a outros povos, mas precisamente os gregos. Segundo ele, sendo a delicadeza algo da filosofia, e tendo a Grécia como a nação dos filósofos, apenas ela sob o olhar de Vico teve capacidade de desenvolver os mais variados instrumentos do engenho humano, como a pintura, escultura, fundição, arte de entalhar e aos gregos abstraíram com sutileza os objetos que trabalharam em sua história.

Claramente Vico faz essa observação em relação aos gregos devido aos documentos históricos que relatam a expansão helena no mediterrâneo, o que evidencia em certo grau que o Egito elevou sua expressão devido ao domínio grego de suas terras. Um grande exemplo deste domínio, esta situada na cidade de Alexandria; fundada por Alexandre o grande. Esta cidade situada ao norte do Egito e estrategicamente construída a beira mar, foi porta de entrada para sabedoria grega, que mesclada à antiguidade sapiencial egípcia, proporcionou grande filósofos nas questões divinas e expressivos filósofos da Astronomia.

Essa expressiva elevação de sabedoria teve uma recepção de impacto nas cidades gregas e nas colônias helenas, tanto que já designavam Alexandria como uma *πόλις*, devido ao tamanho de sua excelência. O esplendor da escola de Astronomia alexandrina era de comparação a Academia, o Liceu, o Pórtico e o Cinosarco de Atenas. Congratulações dadas por Vico ao sumo pontífice egípcio Manethon¹² que mediante uma teologia natural, conduziu toda a história egípcia, tal como os gregos fizeram com os seus mitos, o que nos revela serem as suas antigas histórias. O processo dos mitos gregos é o mesmo processo que se dá com os hieróglifos egípcios.

Vico reconhece a “vaidade das nações”, um autêntico etnocentrismo quando analisa como os distintos povos se atribuem ter sido os primeiros na história da humanidade. Mas para Vico a história realmente vai surgir em Alexandria, a cidade fundada por Alexandre Magno junto ao mar, que unirá a agudez africana com a delicadeza grega, produzindo claríssimos filósofos. Mas a história em Vico não é uma sucessão de feitos cronológicos, dispostos um após o outro, sem que se trate de uma autêntica filosofia da humanidade, como considera Rossi. (BRAVO; 2003,p.46-47, tradução nossa)

Com tamanha sabedoria adquirida, a nação egípcia por sua natureza eloquente e vaidosa [possuindo assim o apelido de “*gloriae animalia*”], situada em uma cidade

¹² Historiador e sacerdote egípcio, que viveu aproximadamente no século II a.C.

portuária e considerada o grande empório do mediterrâneo e favorecido pela rota do mar vermelho, caminho possível para a Índia e onde devido seus vitupérios costumes Tácito os chama de ‘*novarum religionum avida*’, por parte de certo preconceito de desmedida opinião de sua antiguidade, que erroneamente se vangloriavam serem acima de todas as nações do mundo, e através disso terem dominado parte do mundo, não possuíam conhecimento do modo como os gentios se articulavam, e sem saber entre sim, que possuíam ideias uniformes acerca de deuses e heróis, possuía a crença que de sua nação surgiram todas as falsas divindades que pelas nações em torno e mediante a rota de comércio que foi, ouviam todo tipo de crença e que o seu Júpiter Ámom [figuração de divindade] fosse o mais antigo entre eles, o que podemos perceber que cada nação teve seu Júpiter, e seu Hércules egípcio ser também o mais antigo entre eles, onde Tácito com sua sagacidade discorre sobre os Hércules das nações conhecidas num total de sessenta personagens. Por Diodoro Sículo¹³ que viveu nos tempos do imperador Augusto, elogiou os egípcios com virtudes positivas e atribui sua história com a cronologia de dez mil anos; cronologia refutada por Jacques Cappel¹⁴, em sua obra *História sagrada egípcia*, onde analisa mediante a interpretação de Xenofonte que os analisou e concluiu seu tempo ser anterior a Ciro¹⁵ e o que Platão pensava acerca dos persas.

O dubitável juízo acerca de uma longa antiguidade dos egípcios tem sua origem na propriedade do engenho da mente humana, onde o que não se sabe, pode ser claramente deformado em uso da fantasia da mente. Nesta situação, os egípcios foram iguais aos chineses que se elevaram a tal ponto, mesmo fechados e distantes das outras nações; assim como os egípcios o fizeram até o tempo de Psamético¹⁶, os Citas¹⁷ até o rei Idantirso; e segundo Van Heurn eles foram reunidos por sua antiguidade. Seguindo a tradição vulgar, onde demonstra ter retirado à origem da História universal profana, e segundo Justino, que expõe como gênese dos princípios, anterior à monarquia dos Assírios dois poderosos reis, Tánais o cita e Sesóstris o egípcio, que demonstram o mundo ter sido mais antigo do que aparenta; relatando que Tánais cruza o oriente com um grande exército para guerrear com o Egito, sendo o Egito digno de louvor para com sua defesa, e sendo considerado quase impenetrável por armas, e em seguida, Sesóstris

¹³ (90 a.C- 30 a.C) Historiador grego que viveu onde hoje é a Sicília, na Itália.

¹⁴ (1570-1624) Professor francês de Hebraico e Teologia.

¹⁵(559 a.C-530 a.C) Rei da Pérsia e pertencente a dinastia Aquemênidas. Comandou o maior império já visto até sua época.

¹⁶ (690 a.C- 610 a.C) Faraó egípcio.

¹⁷ Antigo povo que viveu onde hoje é o Irã. Eram nômades e equestres.

move ataques a Cítia como forma de contra ataque; lugar desconhecido para os persas, que estenderam sua monarquia até os povos da Medo Pérsia, seus vizinhos. Nos tempos de Dario, alcunhado como ‘grande’, declarou guerra ao rei Idantirso da Cítia; numa batalha em que o ponto alto se deu numa exagerada barbárie [início das guerras contra povos do oriente] no período humanista em que a Pérsia passava, onde seu rei lhes dá uma enigmática resposta representada por cinco objetos, pois não conseguiu escrever com hieróglifos. Os dois poderosos reis atravessaram com seus exércitos pela Ásia, onde não fizeram ambos os reis nenhuma província e deixaram-na livre, e logo após surgiu uma monarquia que se consagrou entre as mais famosas do mundo, que foi a monarquia da Assíria.

Dentre esses povos que disputam a legitimidade da antiguidade, temos os Caldeus, povo também mediterrâneo, e tendo sua antiguidade maior que os outros dois povos já mencionados; os caldeus se elogiavam por sua considerada força nas observações astronômicas há mais de quarenta mil anos segundo Cícero¹⁸ no *De divinatione*. Motivado por essas observações cósmicas, Flávio Josefo, o hebreu, acreditou nessas observações que demarcaram as previsões diluvianas [o que nos faz crer que em todas as nações do médio oriente houve um tempo em que ocorrera um grande dilúvio] descritas assim em duas colunas, sendo uma de mármore e a outra de tijolos, construída em alusão aos dois dilúvios, sendo o de mármore vista por ele na Síria. Para Vico qual seria a necessidade dos povos antigos em conservar suas memórias, sabendo que em algum momento seriam subjulgados por outros povos, que poderiam ou não conservar as memórias dos povos feitos em subjulgo? Talvez seja a inclinação primordial que o ser humano desenvolveu e perpetuou além do corpo, a memória.

Assim decorreram os chineses que escreveram por ideogramas, os egípcios por hieróglifos, e os citas que não usavam nenhum tipo de escrita convencional. Esses povos por milhares de anos se fecharam e não mantiveram relações comerciais com nenhum outro povo que pudessem ter contado sobre a real antiguidade do mundo, o que fez essas nações a indagarem erroneamente sua cronologia. Para o jesuíta Michele di Ruggieri¹⁹, a quem Vico aponta certos erros de interpretação, afirmou ter lido livros

¹⁸ (106 a.C- 43 a.C) Importante filósofo e político romano. Escreveu várias obras de teor filosófico e teológico, entre elas o *De natura deorum* (Sobre a natureza dos deuses) e o *De divinatione* (Sobre as divindades).

¹⁹ (1543-1607) Linguista e missionário italiano, que esteve em missão pela companhia de Jesus na Índia e China.

impressos de tempos antes de Jesus Cristo; o que já foi comprovado não ter sido escrito pelo jesuíta em seu livro *Nuovi avisi del Giappone*. Para o também jesuíta Martino Martini²⁰ que relata em sua obra *História chinesa*, expôs que o filósofo Confúcio possuía uma antiguidade grandiosa, o que segundo a referência de Martin Shook²¹ levou muitos ao ateísmo. Na obra *Demonstratione Diluvii universalis*, em que Issac de La Peyrère²² com sua obra *História pré-adâmica*, escreveu que o dilúvio tenha ocorrido somente aos hebreus, entretanto, para Nicolas Trigault²³, segundo Vico, estaria mais bem munido de informação que Ruggieri e Martini, onde escreve na obra *Christiana expeditione apud Sinas* terem sido descobertas pelos chineses dois séculos antes dos europeus, a imprensa; e Confúcio ter no mínimo nascido a uns quinhentos anos antes de Cristo. A filosofia confuciana tal como os livros sacerdotais dos egípcios, segundo Vico, possui uma forma grosseira desajeitada para as partes das coisas naturais, segue assim o modelo de uma única filosofia, a filosofia moral [tratada em provérbios]; o que atesta uma moral vulgar, baseada a esses povos mediante suas leis.

Essa reflexão sobre essas nações gentias em relação as sua antiquíssima história, e principalmente a dos egípcios, onde deveriam ser esta a nação a começar todo saber gentio, e para isso assimilar cientificamente o valor de tal pensamento. Em uma visão judaico-cristã da formação do mundo, inicia-se com o povo hebreu como o primeiro do mundo, e que Adão fora o primeiro homem, e que tudo foi criado por Deus. E a partir daí se tem a primeira ciência para nos revelar os primeiros passos do mundo, a mitologia; uma interpretação poética do surgimento do mundo, dos homens e da sabedoria humana; pois todas as histórias do mundo foram iniciadas com mitos e fábulas. Para Vico esse estudo da mitologia acrescentaria uma melhor compreensão dos princípios das nações e de suas ciências. As transformações que culminaram para o que se tem como concepção de mundo, ciência e afins, se dá na necessidade dos povos antigos em sobreviver em seu terreno, e à medida que se transformava o terreno sua reflexão eram melhoradas por homens particulares; para o autor é desse modo que se inicia o estudo da história universal.

²⁰ (1614-1661) Missionário jesuíta italiano que escreve sobre a China nos tempos em que participava de uma missão eclesiástica.

²¹ (1614-1669) Filósofo holandês do período do racionalismo. Seus acervos de escritos somam cinquenta, entre eles o de maior polêmica foi *Admiranda methodus novae philosophiae Renati De Cartes*, que criticava a filosofia de Descartes.

²² (1596-1676) Teólogo francês que fundamenta as hipóteses sobre a história antes de Adão.

²³ (1577-1628) Missionário francês que passou maior parte de sua vida em missão na China.

Quando o objeto de estudo são as nações gentias, o grau de dificuldade é ainda maior, pois essas nações não tiveram socorro da revelação divina, que pudesse humanizá-las imediatamente, evitando tantos milhares de anos perdidos em meio ao isolamento ferino. A sociabilidade que fez parte dessa racionalidade passiva, tornou possível a preservação dos costumes bárbaros, de maneira que toda geração recebe da anterior um mundo mais humano. (GUIDO, 2004, p.74).

3. As idades e as nações

Seguindo o caminho de nossa pesquisa, chegamos a um tópico que nos auxiliará na compreensão das teses sobre as três idades que Vico explorou em sua obra e as teses sobre o movimento histórico das nações. Como mencionado no início do primeiro tópico, o autor recorre ao método cronológico dos egípcios para demarcar o tempo anterior que a eles tenha decorrido; a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade dos homens. Juntamente a essa tríade cronológica, é identificado tanto em número com em processo que são correspondentes, três línguas que se falaram entre esses três tempos; temos a primeira língua, que é a hieroglífica, ou seja, era manifestada por caracteres sagrados; a segunda, simbólica, ou por caracteres heroicos; e a terceira, a linguagem epistolar, ou por caracteres confeccionados em convenção pelos povos. O autor faz referência ao autor Scheffer²⁴, sobre sua obra *De philosophia itálica*, da qual possuía passagens acerca de três idades.

Essa divisão dos tempos pode ser encontrada nos escritos de Varrão²⁵, contemporâneo de Cícero, que devido a uma elevada erudição e um orgulho romano de se vangloriar de sua terra, propôs que a partir da nação romana, todas as coisas divinas e humanas foram oriundas das terras do Lácio; o que fez ele em sua obra *Rerum divinarum et humanarum*, obra essa que contava acerca das coisas desenvolvidas pelos latinos ao longo de sua existência, e como um saudosismo existente na época em relação aos gregos, pôs a acreditar até mesmo na fabula que conta que as leis das XII tabuas,²⁶ haviam chegado a Roma mediante as leis de Atenas; como se fosse uma “cópia” melhorada ou até mesmo uma extensão dessas leis. E nesta obra também dividiu o tempo do mundo grego em três: O tempo obscuro, correspondente à idade dos

²⁴ (1621-1679) Humanista sueco.

²⁵ (116 a.C- 27 a.C) Filósofo, Linguista e Historiador da Língua latina.

²⁶ Doze antigas leis que estão atreladas a origem do Direito romano.

deuses; o tempo fabuloso, correspondente à idade dos heróis, por ultimo o tempo histórico, correspondente à idade dos homens; tal como o modelo dos egípcios.

Pela tamanha memória conservada pelos egípcios, tal como observou Diodoro Sículo, que cada nação se considerou ser uma mais antiga que a outra, desse modo deu atenção a sua história e assim conservaram suas memórias desde o principio do mundo. Podemos observar que entre essas memórias, temos duas que se destaca, uma seria que o Júpiter Àmon era o mais velho do mundo, e a outra seria que os Hércules de todas as nações, teriam pegado o nome do Hércules egípcio. Assim, decorreu primeiro a idade dos deuses, onde se acreditava ser Júpiter; e depois a idade dos heróis, que pensavam ser filhos dos deuses, onde o maior se acreditou ser Hércules.

A idade dos deuses do Egito era caracterizada na figura do Mercúrio Trimegisto, ou o velho; e passando pela referência de Cícero no *De natura deorum*, fora chamado ‘Theut’ pelos egípcios e depois aos gregos derivou-se em **θεός**, que trouxe as letras e as leis ao povo egípcio e assim, pois, levaram-nas por todo o mundo. Entretanto, aos gregos que não escreveram em hieróglifos, mas sim com letras vulgares, que levantam hipóteses de terem sido levadas a Grécia por Cadmo da Fenícia, onde se possa identificar que não as usaram durante setecentos anos após esse fato. E durante esse período perpassa a existência de Homero, que em toda a sua obra não possui nomeações, ou seja, ele não os nomeia **νόμος**; e assim fica marcada a era de ouro dos rapsodos, os narradores poéticos que espalhavam a poesia homérica pelo mundo grego. Tendo em vista que as letras vulgares ainda não terem sido criadas, a oralidade era a principal forma de passagem de conhecimento, música e poesia pelos povos gregos.

Indaga Vico acerca das origens das leis e das nações, num jogo de argumentação pautada na seguinte pergunta: Como se dá as nações, sem suas leis postas, e encontrarem-se fundadas em organizações sociais, mesmo que primitivas? Neste percurso Vico esbarra com a questão da fala anteceder a escrita, de modo que compara a legislação de Esparta, onde Licurgo²⁷, o legislador, proibia as leis de serem escritas, e apenas o falar das leis era permitido para uma maior expansão delas. De modo que poderia haver em teoria que as leis nos tempos antigos, fossem feitas oralmente e espalhados oralmente; caindo em Homero e os dois tipos de assembleia: a chamada **βουλή**, que era uma assembleia restrita aos aristocratas onde as leis eram deliberadas oralmente; e temos a **αγορά**, que era realizada em praça pública, onde também eram

²⁷ Lendário legislador de Esparta. É mencionado por Heródoto nas obras sobre a História da Grécia, mas não se sabe da verossimilhança de sua existência.

deliberadas as leis entre os aristocratas e o povo livre mediante a oralidade. Para o autor seria como se a providência divina²⁸ tivesse enriquecido ou não trabalhado esta questão humana em que as nações se veem, de mediante a falta das letras, e por sua barbárie, fundassem primeiro seus costumes, e feito isso, com sua civilização já formada pudessem se governar mediante as leis. A exemplo desta barbárie, o autor utiliza da barbárie regressada²⁹, onde os primeiros povos/nações da Europa [Esta análise cabe em toda a História dos povos do mundo; é necessário que se tenha bem claro os processos históricos de cada nação], onde que dentro do processo da história recente, o mais antigo seja o período feudal. Devido seu caráter de um “recomeço” dos períodos históricos, são nos feudos que as primeiras fontes de um “atualizado” Direito, que após certo tempo se espalhou para as demais nações gentias. Entretanto os direitos que a esses povos possuíram, não eram pautados em leis, mas sim em costumes humanos.

A partir do posicionamento cronológico da religião cristã em relação a Moisés, que poderia ele não ter aprendido um modelo teológico com os egípcios, e assim tê-lo incorporado a teologia hebraica, pois para os doutos da religião cristã, Moisés é situado de acordo com a cronologia, tempos posteriores a Mercúrio Trimegisto. Este posicionamento cristão pode ser combatido segundo trecho na obra de Iâmblico³⁰, *De mysteriis aegyptiorum*, que Vico utiliza para argumentar esse posicionamento da cristandade. O trecho decorre que os egípcios no seu tempo antiquíssimo relacionavam dialeticamente suas descobertas e criações com Mercúrio Trimegisto. O que tudo indica que esse Mercúrio não era uma figura humana, mas sim, a figura poética de outrora formada pelos primeiros sábios do Egito. Portanto, para que esse Trimegisto seja o deus egípcio, seria necessário que ele transcorresse todas as três idades propostas pelos egípcios.

De acordo com as fábulas/mitos que há tempos foram usados em sua cronologia, na idade dos deuses da Grécia, percebemos um tempo em que deuses e homens conviviam juntos na terra. Esses deuses que a muito por serem provenientes de fábulas determinadas ocasiões ou em sentido utilitário, o que revela várias religiões; e nos tempos primitivos os homens davam vida as divindades mediante as expressões da natureza, como os raios, o fogo, a chuva e etc; por meio de onomatopeias adquiridos

²⁸ Grosso modo, é a disposição em que Deus opera as ações dos homens ao Longo da História.

²⁹ Vico trabalhará a questão da barbárie regressada no livro V da *Scienza Nuova*. A explicação que temos aqui é mais uma exposição superficial sobre o conceito a qual o autor dedica uma parte da obra para a fundamentação do conceito na tese.

³⁰ (245 d.C- 325 d.C) Filósofo neoplatônico sírio, que mediante o fascínio pela tradição pitagórica desenvolveu várias obras.

pelo som desse fenômeno. E seguindo àquela referência dos doze deuses gentios que foram chamados maiores, onde eram adorados pelos homens nos tempos das famílias, e assim formando-se doze épocas [idades] que delimita a uma cronologia em reflexo a história poética marcando a duração de quinhentos anos no período da idade dos deuses, o que revela os inícios da história profana.

Partindo ainda do mito e das fábulas, da linhagem de Prometeu³¹ que roubou o fogo dos deuses e entregou aos homens, seu neto Heleno, mediante seu filho espalha três dialetos no território grego. A partir de Heleno os gregos nativos foram chamados de helenos. Entretanto os gregos que migraram para a Itália eram chamados de *graii* tendo sua terra chamada de *Graikia*, e que para os latinos foram chamados de *Graeci*. Ficaram cientes os gregos da Itália acerca do nome principal da Grécia devido sua migração para a Itália, pois não se encontra em nenhuma obra grega esta palavra.

Enquanto isso Cécrops³² o egípcio, estabelece doze colônias na Ática, e logo depois uma dessas colônias mediante a força de Teseu forma a cidade de Atenas. Entretanto, segundo Estrabão, a Ática por suas terras improdutivas não poderia abrigar imigrantes, para usar essa hipótese como verídica ao relatar que o dialeto ático é o mais antigo, ou o primeiro entre as outras cidades gregas. Simultaneamente o fenício Cadmo funda a cidade de Tebas, e não obstante leva as letras fenícias para a Grécia, as chamadas letras vulgares. Sua primeira parada em território grego é a Beócia, que possuía fama por letrada e engenhosa desde sua fundação; porém, fez-se surgir também segundo Vico, mentes de tamanha estupidez que transformou o significado do termo “beócio” para os que possuíam a mente estúpida.

Passando para a idade dos deuses do Lácio, que é correspondente a idade de ouro dos Gregos, temos um dos deuses primordiais, Saturno. Com base na mitologia se pode comprovar ser o trigo o primeiro ouro e moeda de troca entre os povos do Lácio. Esses povos usavam a partir da colheita certa quantidade de grãos para demarcar sua ordem de tempo. Da palavra “*satis*” que significa sementeira, fora chamado Saturno, que para os gregos possuía o nome de *χρόνος*, que é o tempo, e de onde temos extraído do seu termo a palavra cronologia.

Caminhando para idade dos heróis do Egito, onde temos a figura do Mercúrio Trimegisto, ou o jovem, que é caracterizado poeticamente. Para os gregos este período

³¹ Titã filho de Jápeto, a quem Vico designa poeticamente como um bestione, ou um gigante.

³² Pela mitologia foi um rei grego nascido da própria Terra, tendo como mãe Gaia. Entretanto vários historiadores questionam sua nacionalidade. Acima foi dito que era egípcio devido à interpretação usada pelo Historiador Estrabão.

se iniciou após novecentos anos, caracterizado na idade dos deuses. Para os egípcios este período passou durante o tempo de um pai, um filho e um neto, ou seja, três gerações que somam um século. Vico percebe um anacronismo na história egípcia semelhante à história assíria na figura de Zoroastro³³. Como é característica da idade dos heróis, temos as batalhas entre as nações e as deposições dos reis. O exemplo disso, temos Dánao; o rei egípcio que expulsa os ináquidas do reino de Argo, que eram chamados assim por serem nove reis da casa de Inaco. Entretanto para a regra dos cronologistas, deveria ter ocorrido há trezentos anos, tal os quinhentos pelos quatorzes que reinaram em Alba. Segundo Tucídides, nesses tempos heroicos os reinados eram trocados todos os dias; a exemplo o rei Amúlio que expulsa Numitor do reino de Alba, em seguida Rômulo expulsa Amúlio e repõe Numitor. Aos gregos a idade dos heróis teve seu início com a expansão dos filhos de Hércules, ou seja, os Heraclidas. Espalharam-se pela Grécia e suas colônias, alcançando a Ásia e formando reinos sacerdotais.

Quanto à terceira idade, a dos homens, ou idade da razão, é toda explicada como momento áureo. Entretanto, Vico contestava também da crescente no pensamento científico e o declínio da poesia, imaginação e de substratos que as compõe, o podemos concordar com esta seguinte afirmação: "[...] a história cíclica alerta para a fragilidade da idade dos homens, daqueles momentos felizes nos quais a igualdade social é respeitada com a justiça das leis humana [...]" (GUIDO, 2004, p.74). Seu pensamento possuía um diferencial extenso frente ao pensamento dos iluministas, que consideravam as primeiras eras como tempos de "trevas" e insensatez. Em uma posição considerada até por ele mesmo de um "semi-relativista", havia sugerido que alguns costumes eram universais como sepultamentos, os matrimônios e cultos religiosos, Vico negava que entre as três idades pudessem ter uma que sobressaísse frente à outra, de modo que em todo "corso" da história sempre há pontos bons e maus que ao mesmo tempo os julgavam de acordo com uma escala de valores.

Na descrição das três idades há uma dinâmica que se assemelha ou definitivamente se consolida como um "ciclo", de modo que forma uma sequência necessária que é encontrada em diferentes partes do mundo e em diferentes povos e possui uma função em tal sequência, que recebe o nome de "corso" e é seguida pelo

³³ A figura de Zoroastro em relação à Assíria tem como semelhança o contexto acerca de Homero a qual mencionamos no início do capítulo.

‘ricorso’ formando um ciclo de eras, onde sempre haverá o retorno de tempos, sejam eles bons ou maus heroicos ou desonrosos, poéticos ou insanos.

A questão de a história ser considerada um ‘ciclo’ não partiu integralmente de Vico. Já na Grécia e Roma, essa percepção de modo prematura era elaborada. A título de exemplo, o historiador grego que relata a ascensão romana, chamado Políbio³⁴, sugeriu a monarquia que seguisse seu caminho naturalmente, e que dessa forma passaria de monarquia a aristocracia, e de aristocracia a democracia, e no momento de declínio de tal democracia, a monarquia retornaria ao modo de governo.

Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*; 2004. Editora Nova Cultural.
- BRAVO, L. C. *Filosofia del la Historia y Filosofia del derecho em Giambattista Vico*; Universidad de Sevilla; Sevilla, 2003.
- BURKE, P. *Vico*; 1997. Editora UNESP (Universidade Estadual de São Paulo).
- GRIMAL, P. *História de Roma*; 2010. Editora UNESP (Universidade Estadual de São Paulo).
- GUIDO, H. *Giambattista Vico: A filosofia e a educação da humanidade*; 2004. Editora Vozes.
- PLATÃO. *Crátilo, ou sobre a correção dos nomes*; Tradução e notas por Celso Vieira. São Paulo, 2014. –(Coleção textos filosóficos)
- VICO, G. *Princípio de uma ciência nova: Acerca da natureza comum das nações*; Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Editora Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa, 2005.
- ROSSI, P. *Os sinais do tempo: História da terra e História das nações de Hooke a Vico*; Tradução Julia Mainardi. São Paulo, 1992.
- Dicionário Martins Fontes italiano-português/ coordenação geral Ivone C. Benedetti – São Paulo, 2004.*

³⁴ (220 a.c-118 a.c) Historiador Grego que a partir de seu escrito chamado de ‘Histórias’ narrou todo o processo de ascensão do império romano até sua época, não obstante procurou narrar à história da maioria dos reinos do mediterrâneo.